



OUTROS
15
CONTOS

Helena Frenzel

Coletânea - 1a. Edição - Edição da Autora

OUTROS QUINZE CONTOS

Coletânea

HELENA FRENZEL*

OUTROS QUINZE CONTOS

Coletânea

1a. Edição

Edição da Autora
Janeiro de 2012

* Email: helenafrenzel@gmail.com

© 2007-2012 Helena Frenzel – Alguns direitos reservados.

Capa, design, textos e imagens: Helena Frenzel.

Para saber mais sobre o trabalho da autora visite:

<http://bluemaedel.blogspot.com>

<http://clubedalupa.blogspot.com>

<http://recantodasletras.com.br/autores/helenafrenzel>

Esta obra está licenciada sob uma Licença CREATIVE COMMONS(1). Você **está autorizado a** copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao respectivo autor original. Você **não está autorizado a** fazer uso comercial desta obra nem a criar obras derivadas.

Todos os textos aqui reunidos tratam-se de obras de ficção, ou seja, são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e situações na vida real é pura coincidência.

A autora reserva-se o direito de atualizar constantemente o conteúdo deste livro e /ou o conteúdo relacionado disponibilizado via internet sem qualquer aviso prévio. Para acesso a conteúdo sempre atual aconselha-se usar links para as fontes originais ao invés de reproduzir o conteúdo.

(1) <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

“Na verdade, pensei em escrever uma pequena história contigo. Aliás, tu sabes contar histórias? Hoje, perguntei-me se EU sei contar histórias. Tentei me lembrar de uma ocasião, recente, na qual tenha contado uma história para alguém, uma criança, um vizinho, um amigo, sei lá... Tudo bem, um de nossos primeiros e-mails foi uma história, uma tentativa de explicar o meu sumiço súbito há mais de dez anos, mas essa ocasião não vale, pois estou pensando em algo diferente de lembranças. Se uma criança me pedisse, hoje, que lhe contasse uma história (de minha própria conta), não sei o que faria, nem por onde começar. Foi aí que me veio essa idéia maluca de tentar escrever uma historinha contigo. Por quê?! Sei lá, só por prazer, só para experimentar e ver no que dá.”

Para a Tia Helena, de novo, *marr é claro!*

Para Isabel, R.J e B. & B.

Índice

INTRODUÇÃO

- 8 -

OUTROS QUINZE CONTOS

- 10 -

Conto Companheiro (12)

O Fugitivo (14)

Florisbela e as Mocerongas (15)

Elas Falam Sim! (17)

A Pane (18)

A Frase do Feito (19)

Em se tratando de chances... (20)

Memórias de Maria Teresa - “Vou me suicidar!” (21)

Memórias de Maria Teresa - Num Shopping (23)

A Espera (25)

Ah, esta geração... (26)

Amanhecer com o Mar (27)

Culpa dos Camarões! (29)

O Julgamento (30)

O Caso da Barriga (32)

Introdução

Talvez jamais houvesse me aventurado a tentar contar histórias não fosse uma conversa tida com um amigo, anos atrás quando, pela primeira vez, me perguntei se sabia contar histórias. Passados anos de treino, não sei se já aprendi, mas, caso ainda não tenha aprendido, continuo tentando, e com prazer, *só pra ver no que dá.*

Todos os contos aqui reunidos foram já publicados no Recanto das Letras, sítio no qual venho expondo meus textos regularmente desde novembro de 2008. Estas coletâneas ‘artesanais’ são uma forma de ir organizando a obra, visando também oferecer outra opção de visualização aos leitores.

Sem mais, boa leitura! – quer dizer: vamos! – vamos, não, vá você aos contos, que são quinze e esperam por você!

Helena Frenzel

Outros Quinze Contos

Conto Companheiro

Cara, fiz de novo! Não tomo jeito...

Mas por que tinham que me perguntar, logo eu que não sei mentir? Tive que dizer o que pensava do conto, oras, tudo pra não confundir. Contrariei então minha decisão, não dar pontos em contos terceiros. O resultado, porém, foi bom: compreenderam meu momento primeiro.

Sinto, mas um conto que do meio já revela o fim, venhamos e convenhamos, só posso considerar um conto ruim. Até mesmo EU não escapo a este critério, pois “a verdade será sempre a verdade, dita por Agamenon ou seu porqueiro”. Pode até estar bem escrito, estruturado não tal mal, mas se em nada surpreende nem incomoda no final, sei lá, algo assim sem sal sem isso só pode ser um conto mau... Cara, eu sou mau!!

Você pode até pensar que sou doido ou masoquista, fato é que A-D-O-R-O quando contistas me maltratam assim, digo: enrolado na pele do leitor, levo chute no traseiro e fico sem saber o que se passou, mas depois entendo o companheiro. Ah, esqueci dos tapas. E nada de beijos se o conto não é de amor.

E tem que ser um golpe certo, mas tão certo sem dar tempo de esboçar outro furor, que não seja abrir a boca, de espanto, babando prazer pra no fim: “Cara, que conto legal! Tô vendo estrelas contadinhas!”, algo que eu chamo de ápice literário, ou melhor: clímax – pra não chocar os enrustidos – nada que ver com idade ou sexo, tá?, algo metafísico.

Sensações assim tive ao ler Machado, Cortázar, García Márquez, também autores outros, magistrais. Acontece, vez ou outra, de eu sair por aí meio louco, caçando contos que me digam algo pra ler. E na maioria das vezes sem procurar encontro, contos que me dominam e apanham de jeito, jeito de texto que sabe prender!

Esse tipo de conto luto pra ser. E desta sina contada nem penso em fugir... E a paga de tudo isto? Imenso prazer em ler e jogar. Coisa boa é apanhar de um conto e quem tiver seus contos bestas (como eu de quando eu vez) sinto muito, vai ter que me entender! Sou um conto malandro, sincero e companheiro.

Cara, eu fiz de novo! Será o santo conto que eu não tomo direção?!

O Fugitivo

Há coisas na vida que são mesmo inatingíveis: nem adianta correr atrás. Olhe, já havia se passado de tudo: gato miando querendo sair, campainha soando, marido querendo comer, gente no telefone vendendo a mãe, vinho, ou pedindo ajuda à causa das manicuras sem fronteiras. A gota d'água àquele dia, porém, foi o apelo do vizinho: „Ei, dá pra tirar o carro? Queremos sair. Obrigado.“ Não há de quê pissirica!! Agora teria que esperar uma outra constelação. Não houve caminhada, vela, Bach ou Vivaldi que dessem jeito. Pois bem, cansada da caçada, decidi deixar pra lá. Daí começaram as tentações. Ele sempre aparecia quando eu estava no meio do sono, no chuveiro, dirigindo, no... bem, fazendo qualquer coisa que não desse logo pra interromper. Das primeiras vezes, até cheguei a me ouriçar, espalhei papel, caneta e gravador pra tudo e quanto foi lado, só pra dar uma de „Tô nem aí pra ti, ó!“. Um belo dia, entretanto, logo cedinho, senti ser beijada por um tênue raio de sol que, ao bater em meu rosto, virava coração. Vi através do espelho e, focando os olhos num canto, lentamente, custei a crer que ele também estivesse ali. Observava-me com a maior cara de pau, balançando o rabo pra lá e pra cá. Controlei o impulso de correr a mão à cabeceira, virei para o lado e fingi continuar dormir. Ele então começou a miar, a latir, por último a rosnar feito um leão, pode?! Era muita provocação! Levantei de um salto e, a ponto de prender-lhe pelo rabo... pronto, fugiu outra vez, filho da letra! Um dia eu te pego, texto bandido! À noite, após um belo passeio pela praia, fiz então como Neruda: pensando nas obrigações do meu texto fugitivo, sentei-me junto à lareira, tirei os sapatos; deles escapou areia, e aos poucos fui me deixando adormecer...

Florisbela e as Mocorongas

Acordou tarde naquele dia, e cansada. Sem motivo, já que havia dormido toda a noite. Muito estranho... passara o dia todo, bem dizer, se arrastando. Não entendia aquele peso-estar. Está certo, trabalhara muito. “E quem disse que escrever é trabalhar? Trabalho que nada!”, condenaram ecos. Quatro horas, mais ou menos, diante da máquina de escrever, e para recuperar as energias, lá pelo fim da tarde, decidiu dar um passeio. Não era gente de se entregar à preguiça e aquele cansaço não lhe parecia normal. Queria arejar as idéias. Local do passeio, como sempre, o bosque. Logo no começo da estradinha sentiu o peso aumentar. Duas mocorongas, por trás de galhos e touceiras, planejavam o destino de Florisbela. “Não disse? Lá vem ela!” “Prepara as botinas e o saco. Quando ela passar, jogamos por cima!”, disse uma. “Feito!”, respondeu a outra. Daí que, quando Florisbela iniciou o caminho, sentindo que carregava um saco de chumbo às costas e tinha os pés fincados em blocos de concreto — o que lhe custava muito esforço para afastá-los do chão —, achou tudo aquilo muito suspeito, sobrenatural. Pois bem, mesmo assim, pesada como estava, Florisbela nem pensou em desistir da caminhada. Tinha uma meta, e os dois quilômetros daquele dia ela estava determinada a deixar para trás, nada de acúmulos! As mocorongas apostavam em que ponto ela iria desistir. “Por certo é muito peso, olha que ela está pra envergar.” “Silêncio, senão ela nos ouve.” Florisbela continuou achando estranho aquela sensação. “Será que estou doente?”, pensou. Uma vizinha conhecida, uma que vinha de seu umbigo, lhe ordenou: “Nem pensar em desistir, avante!” Teve um momento em que, sentindo-se muito, muito cansada, parou para respirar e apertar o nó do cadarço do tênis, que há muito ameaçava desatar. Nesse momento as mocorongas se alegraram: “Não disse que ela não agüentaria?! Eu disse, não disse?!”, comemorou a mais escura delas. “Parece que ela vai continuar...”, resmungou a outra. “Continue, continue!”, gritava a voz de umbigo para Florisbela. E ela continuou. A cada passo conquistado do caminho, a cada metro que ficava para trás ela se alegrava e, apesar do grande peso, sentia-se mais forte, mais ainda quando chegou o quilômetro final, uma descida. Agora ficaria mais fácil! Florisbela ia ganhando cada vez mais velocidade, sentia que o concreto dos pés estava a ponto de rachar, e o peso das costas arriava, aos poucos. Como explicar aquilo?

Florisbela não entendia o que estava acontecendo, só sentia o cansaço sumindo, o peso cedendo e aquela voz de umbigo que desconhecia o significado de 'calar-se'. Nos últimos metros, já num bom ritmo, uma das mocosongas ainda tentou lançá-la com uma corrente cheia de pontas, feito arame-farpado. Nada mais foi capaz de prender a potranca livre e selvagem em que Florisbela se transformou ali, diante dos olhos das mocosongas. Alegre, saltitante e renovada, seguiu o caminho de casa pronta para terminar mais um capítulo de seu livro. E as mocosongas? Essas, frustradas, mordendo uma à outra de tanto ódio, puseram-se à espreita do próximo que viesse por ali. Em casa, acomodada em uma poltrona, Florisbela virou a página de um livro, escapando daquele universo paralelo e pulando para a vida real, muito real. Mais cedo ou mais tarde, re-encontraria as mocosongas, em qualquer de suas viagens interdimensionais.

* * *

A corrente de arame farpado atravessou o corpo de Florisbela como se esse não estivesse ali de fato, como se fosse mera olografia. As mocosongas, que a acompanharam ao longo de todo o caminho, sempre à espreita, olharam-se erguendo os ombros, sinalizando não terem entendido a nulidade da ação. E naquele ponto, sem saber que eram vistas, não perceberam quando Florisbela mostrou-lhes, numa careta, a língua, ergueu o dedo maior da mão esquerda em sua direção, soltou baixinho um “Aqui ó!”, e seguiu seu caminho sem olhar mais para trás. Fora do Mundo da Escrita, Florisbela bem sabia que não havia mais lobos, muito menos florestas, apenas mocosongas, googóis delas. E sem querer, havia descoberto um antídoto contra aquelas criaturas: indiferença pura. Só faltava patentear a idéia!

* * *

Texto comemorativo pelas 260 publicações no Recanto das Letras, também uma homenagem a Monteiro Lobato e aos irmãos Grimm.

Elas Falam Sim!

Não era a primeira vez que se encontrariam, mas naquele dia ela queria que fosse especial. Já que estava num shopping, buscou uma loja; agora só restava escolher a cor: entre uma rosa e outra vermelha, pegou a amarela. Seguiu então para o saguão, local marcado, e no meio da multidão, seu coração ‘viu’ quando ele veio, pontual. O sorriso que ele trazia transformou-se em linha ao ver que ela tentava esconder algo atrás de si. “Idéia tonta! Talo delator!”, praguejaria ela, mais tarde. “Não, por favor, por favor não faça isso!”, disse ele, em desespero, e aproximando os lábios a um de seus ouvidos pediu baixinho que fingisse que era para ela aquele botão. Um espinho cravou-se em sua mão, apertada como o órgão que lhe parecia haver parado no peito. Pensou que talvez rosas tivessem algum significado ruim para ele, ou talvez... Sem saber bem o que fazer, foi deixando que ele visse de uma vez ‘a surpresa’, ocultando, porém, a ferida do espinho na palma da mão. “Pegue a rosa, é pra você!”, ela tentou dizer ainda, ao que ele, interrompendo-a, repetiu: “Faça de conta que é um presente meu para você, por favor, por favor!” “Sem problemas...”, respondeu, e salvando o encontro por mais um pouco: “Vamos, que ali há uma mesa que acabou de vagar!”. Diz uma canção que as rosas não falam, mas aquele botão amarelo bem que lhe revelara uma sábia lição: “Rosas para um homem, minha filha, jamais!” Tivesse ela ouvido o cactus, não teria levado tanto tempo para descobrir os girassóis, muito mais simples... Com esses, sim, ela tem sido muito mais feliz!

A Pane

Acordou sobressaltado. Precisou de alguns segundos para recordar onde estava. Moveu o mouse para reativar o sistema. Mirou a câmera presa ao monitor, à sua frente. Trazia ainda marcas do teclado num dos lados do rosto, e no outro um rastro branco, de baba. Não soube por quanto tempo estivera dormindo. Esperara, ávido, por respostas, ou melhor: reações. Precisava ir ao banheiro. Apressou-se, não quis perder tempo lavando as mãos. Quando voltou, a tela exibia o navegador, ainda a última página: 14569987647 amigos online. Atualizou-a. Pânico! Verificou programas e aparelhos, correu ao telefone fixo: ‘Mudo também?!’, Vasculhou o bolso da calça: ‘Smartphone fora de área? Impossível!’ Reiniciou todo o sistema e ‘Ainda sem conexão?!’. Alguma coisa acontecera enquanto dormia. Tinha que fazer algo, não podia ficar ali parado, vendo seu mundo ruir. Passaram-se dias, e nada. As reservas de comida chegaram ao fim. Não entendia o surto, nada funcionava: internet, telefone, TV a cabo, nem mesmo o termômetro digital, lá fora. Energia elétrica ainda havia: ‘Uma esperança?’. Percorreu, desolado, a longa lista de amigos, agora sem qualquer serventia. Até para pensar necessitava de auxílio. Buscou em desespero, na lista de programas, um editor que funcionasse sem a rede. ‘Viva os TXTs!’ Daquela desastre, tentava ainda fugir à terrível idéia de, pela primeira vez em anos, ter que pôr a cara lá fora, ter que sair e encarar pessoas — ‘Ai que horror!! Pessoas lá fora...’ — Se houvesse alguém, pensou. Não queria mais pensar. Fechou o editor e, naquele momento, desejou com ardor ser um pixel, uma partícula qualquer que não tivesse sentido quando internet non c’è. Antes de desistir, comando final: num surto de coragem puxou os fios. Escureceu.

“Non c’è” (Italiano): usa-se para expressar ausência ou inexistência de algo ou alguém.

A Frase do Feito

Quando sempre em espera, opções muitas; embora poucas. Deixe que já explico: em consultórios clínicos, só ‘show business’ para ler, e eu odeio isso. Andar com a própria literatura na bolsa nunca foi prejuízo, tanto faz se própria porque se escreveu, ou própria por outro motivo. Aliás, em estado de espera, tanto faz, menos o tempo que insiste em parar e o auto-falante, que conhece todos os nomes, menos o seu. E eu já havia desistido de me zangar. Peguei uma revista qualquer e, folha vai, folha vem, dei de cara com um título nada banal, de um escritor de best-sellers que eu nunca havia lido ou sequer ouvido falar. O que a mídia dita, dizem que é, não? E se dizem que é conhecido... Pois bem, relutando em acreditar, comecei a ler o artigo com cortante introdução: “Qualquer manuscrito recebido, mesmo destino: picotadora e lixo!” Li que Paulo Coelho faz isso também. Motivo? Falta de tempo e uma explicação coerente: se leio um manuscrito e qualquer coisa se entranha em minha mente e, mais tarde, ao escrever, uso a idéia sem pensar, acusar-me-ão de plágio descarado, portanto: melhor não ler. Concordei com ele. Contou que, belo dia, num bookstore, folheando um livro, uma mulher o interrompeu: “Posso lhe fazer uma pergunta?”. Claro, perguntar nada custa. “Como faço pra escrever um livro?”. Sei não... escrevendo, oras! “Conte, algum segredo tem que ter...”. Comece, então, pelo começo. “Começo? Como?!”. Uma frase qualquer, pense numa frase e comece a escrever. “Um exemplo?”. Era de manhã e um sol quente e amarelo queimava sua cabeça desnuda. “E essa frase é boa?” Sei, lá! Havia pedido apenas para dar um exemplo... acho que ‘sim’. “Tem certeza? Então você acha que posso mesmo escrever um livro?!” Quem tem que achar é você, oras... todo mundo pode, a princípio. “E posso lhe mandar o manuscrito?” Melhor não... Meses depois, pacote pelo correio. Logo no envelope, a frase do feito; lembrou-se da mulher. A picotadora e o cesto nada receberam naquele dia, disse não saber o motivo. Manuscrito engavetado. Um dia, quem sabe, teria tempo para folheá-lo, quem sabe até começaria a ler.

“Era de manhã e o sol quente e amarelo queimava sua cabeça desnuda” - contribuição de Ailton Augusto ao projeto Conto a N Mãos - <http://recantodasletras.uol.com.br/redacoes/2171415>.

Em se tratando de chances...

“Em se tratando de chances, mais fácil cair um meteoro do que a senhora engravidar, nesta constelação, é claro, e por vias naturais.” — ouviu ela dos médicos. Seu mundo caiu, mas fazer o quê? Vive-se como pode e especialistas falam do que bem devem saber. Daí seguiu a vida, que nunca há de parar. Nós, sim, paramos, ela segue a girar. De volta à vida, rever planos: nova área de estudos, outra profissão — “Tudo novo de novo, vamos nos jogar onde já caímos. Tudo novo de novo, vamos mergulhar do alto onde subimos”, canta Moska(1). E nos jornais do mundo de todo dia é criança na lagoa, no lixo, jogada da janela, rejeitada na barriga, abandonada no hospital. Filhos: quem não quer, tem; quem tanto quer, não consegue ter. Por que isso? Coisas da vida, vá saber! Cuidar da saúde, deixar o tempo curar, aceitar a situação. Adoção tampouco é substituto, tem que ser escolha consciente, de coração. Tempo é fundamental, e cumpre sua missão: do céu caiu uma estrela, não um meteoro, e ela fez um pedido, não fugindo à tradição — “Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.” (Mateus 7: 7-8). E a estrela aninhou-se no lugar mais inesperado, justo onde ‘não poderia ser’. Assim, sem mais nem menos, nem ajuda da ciência, a não ser da mente humana ou de forças sobrenaturais um milagre acontecera, como tantos de todos os dias que quase ninguém vê. De uma varanda, acariciando a estrelinha, presente mandado do céu, lembrou-se das palavras dos médicos, confrontando-as com as de Deus... Aquele que tudo pode, TUDO faz acontecer!

(1) Trecho de Tudo Novo De Novo, Paulinho Moska

Texto publicado no blog BVIW.

<http://letrasdobviw.blogspot.com/2011/04/em-se-tratando-de-chances.html>

Memórias de Maria Teresa - “Vou me suicidar!”

Quando adolescente, houve uma época em que Teresa, minha amiga, pra tudo o que acontecia, só sabia dizer: “Vou me suicidar!” Não, ela contou que não estava deprimida, talvez fosse só uma forma de chamar a atenção, ou chatear uma irmã mais nova, bichinha braba que só! Cansada dessa conversa, um dia essa irmã chegou pra ela, lhe empurrou um papel dobrado e disse, com a cara mais limpa:

—Toma! Escolhe uma.

— O quê?

— Uma forma, ora bolas! Aí tem mais de dez. — disse a irmã apontando pro papel.

Teresa conta que desfez as dobraduras devagar e leu. Por certo: mais de dez maneiras diferentes de tirar a própria vida. Não lembrava mais se riu na cara da irmã, só sabe que foi repassando, uma a uma, as opções oferecidas:

— Essa aqui dói; essa outra suja muito; essa aqui pode falhar da primeira vez ... — e assim por diante.

— Tsc... tsc... tsc, irmãzinha... — disse a irmã batendo o pé com impaciência — anda, escolhe uma! — o tom não pareceu o de quem estava brincando.

— Peraí, pô — atalhou Teresa —, uma decisão assim, importante, não se pode tomar vexado...

— Te dou cinco segundos: um...

— Quéisso, maninha...

— Escolhe tu ou escolho eu: dois...

— Fala sério!

— Tô falando: três...

— Brincadeira, né?

— Não queria morrer? Quatro...

— Mas era de morte morrida.

— Cinco!

Aí a irmã puxou uma baita de uma peixeira e partiu para cima da Teresa. Esta, vendo que a coisa era séria, saiu correndo pedindo socorro, e a maninha atrás.

Menino, foi uma carreira a que essa menina deu na Teresa, que pulou o muro toda se arrebetando do outro lado e foi pedir pê-pê-ú na casa do vizinho. Graças a Deus que a deixaram entrar. E a irmã ficou lá, no topo do muro, agitando a faca no ar e avisando: “Tu volta pra casa hoje, bicha véia, pode deixar que eu vou te esperar...”

Teresa ficou na casa do vizinho até o finalzinho da tarde, que era quando a mãe voltava pra casa. Já em casa, foi um bafafá danado e no final a mãe não achou justo castigar a irmã, já que Teresa vivia dizendo que queria se matar. Daquele dia em diante parece que ela mudou de opinião ou, pelo menos, deixou de manifestar seus propósitos mais excêntricos na presença da irmã.

Memórias de Maria Teresa - Num Shopping

“Vamos às compras e atestarei quem és. Essa é velha!”, brincava Teresa ao recordar de certa vez, em viagem, quando se viu compelida a adquirir um traje, justo um dos que escolhera consciente não pôr na mala.

“A vida da gente já é cheia de bagagens, não? Pra quê piorar? Menos é mais!”. Peça básica, terninho, coisa que certos entendidos chamam de ‘tailleur. Teresa não é disso, de moda, muito menos de shopping, ato e lugar.

Não podendo afastar de si aquele ‘compre-se’ resignou-se, foi, e lá chegando, no shopping, acionou cronômetro: “Mais de uma hora não vou agüentar!”. Lojas para crianças, jovens, artigos esportivos e “Livros! muitos livros!”. Resistiu à insistente tentação. “Volto mais tarde”, consolou-se ao passar pela livraria, tendo que virar a cara para não olhar.

Uma piscada era ceder, uma olhadinha que fosse e a chance de ser fisgada por qualquer título era alta que batia no teto, e seguia louca em qualquer direção, e sem vontade de parar. “Ah, uma boutique! Salva pelo canto!”. Ali era bem capaz de encontrar rapidamente o que queria, logo teria tempo para ir descontar os pecados na livraria.

Preto. Experimenta. Serve direitinho. Só faltava o preço. “Quê?! 3.000 Putos?!” Procurou inflação, tecido, marca, uma costura dourada que fosse para justificar o exagero. Nada. E não escondeu da vendedora a reação. No seu banco de experiências nenhuma situação idêntica: um traje na mesma categoria, ainda que portando marca, e naquele valor. Para não dizer que se enganava, converteu o preço para outra moeda. “Assim não pode, assim não dá!”

Mesmo necessitando do dito, odiando shoppings e podendo pagar, Teresa nem pensou em levar o terninho para casa, digo: hotel. Disse-me que se lembrou dos professores, ganhando menos de 500 Putos por mês. Não titubeou em dar cabo àquele tormento. “A lógica daquele preço, e de quem aceitava pagar por ele, só podia estar na alienação da vida e de valores. E era uma cidade pobre, acreditas?! Entende-se bem o por quê... O quê teria aquele traje que justificasse um preço tão fora do real?”

“Muquirana, mão de vaca!”, ouviu a vendedora cochichando entre dentes para uma colega. Devolveu o terno, agradeceu o atendimento e virou-se para sair. “What you don’t have you don’t need it now... Forever and ever!”, foi cantarolando a caminho da livraria. Ah! e como não era um evento nudista, foi vestida de si mesma, jeans e camiseta, com uma consciência muito mais limpa e sentindo-se muito mais feliz.

- (1) “What you don’t have you don’t need it now...”
Trecho de Beautiful Day, U2.
- (2) “Forever and ever!”
Trecho de Hallelujah – G F Handel

A Espera

Todos os dias esperava que ela passasse, mesma hora, itinerário, sempre o mesmo local. Seus pais achavam estranho aquela mania, porém ‘coisas da juventude os anos levam’. Como belas lembranças de carnaval ou loucos arrastões, tanto faz, o tempo leva, essa é sua função, levar. ‘Espere passar...’ as palavras da última mensagem não faziam sentido. Esperava uma resposta, indiferença, acesso de raiva talvez, mas nada semelhante àquele ‘Espere passar...’. O que teria ela querido dizer com aquilo? Ligar e insistir numa resposta seria um risco, melhor mesmo era esperar que ela passasse, todos os dias, num deles criar coragem e, então, perguntar o que quisera dizer. Com as mãos úmidas e o coração na boca viu que ela se aproximava, e naquela manhã estava só. Apressou o passo em sua direção. Desmanchou-se todo e ao mesmo tempo encheu-se de ânimo ao ver que ela sorria.

— Bom dia! —, disse ele, gentil.

— Bom dia. —, ela respondeu.

— O que queria dizer?—, perguntou num sopro, quase inaudível.

— O quê? —, ela perguntou, ainda sorrindo.

— A última mensagem. —, disse, tonto.

—Ah! — ela pareceu lembrar-se: — Para esperar passar...

— Que, como, aqui, hoje?! — ele não sabia onde pôr as mãos.

Então seu olhar ficou sério e, ácida, ela falou:

— Deixe passar pois não dá pra você, moço! — e baixando o tom de voz: —

Foi isso o que eu quis dizer... Desculpe. — Deu de ombros e seguiu. Não olhou para trás nem esperou reações, muito menos a que veio.

A vida de ambos em frangalhos, retalhadas num ato sem pensar.

E ele ficou lá, parado, naquele dia, naquele local, esperando o tempo cumprir sua função. Em vão: não houve um só dia, um dia só, em que ela tenha deixado de passar. Numa outra dimensão, passaria... Era sua única esperança.

Ah, esta geração...

A essas horas e você já enfurnada aí?! Não acredito! Não se envergonha não?! Olha o dia lá fora, tão bonito... Vai passar o dia inteirinho aí, na frente desse computador? Depois reclama que é dor nas costas, que tá gorda, que os olhos não param de arder... Eu, hein? Por acaso já comeu direito hoje? Ah, não enche?! E isso lá é jeito de me responder?! Tô pra ver, viu? Esse mundo está mesmo virado... E as suas tarefas, você já fez? Vai fazer depois? Depois quando?! Olha a bagunça deste quarto! E é roupa, é sapato, livro, tudo espalhado pelo chão. Só mais um pouquinho que já vai sair? Me engana, viu? Só isso que você sabe dizer! Ah, se eu tivesse a sua idade... Dez minutos, dez minutinhos! Se não sair, vou cortar sua conexão!!

Saiu do quarto desanimada, bateu a porta e, na cozinha, disse para o pai: Não sei mais o que fazer com a mãe, mesma história todo santo dia! Ah, esta geração... Acho que você é que está certo... Pelo jeito, vamos ter que internar — e erguendo a voz em direção ao quarto: — VAMOS TER QUE INTERNAR!!

Amanhecer com o Mar

Dia clareando, aos poucos, acordaste e tiveste a sensação de que teu corpo levitava. Bom era estar ali naquela cama fofa de areia. Areia, cogitaste. Um cheiro de areia entrou com licença em tuas narinas então te sobressaltaste por sentires, de repente, uma onda gelada tomar conta, primeiro, de teu peito, virilha, pés, depois o contrário, indo parar na cabeça que ergueras por instinto evitando assim a inundação dos orifícios faciais. O que acontecera, te perguntaste e tentaste olhar ao redor. Uma praia, a princípio, deserta. Braços imóveis ao longo de teu corpo voltaram a viver. Te apoiaste neles, ergueste o tronco. Olhos pesados e ardentes, boca seca, gosto de sal. Buscaste rápido reconhecimento, um mínimo sinal. Não recordavas nada. Nova onda gelada, com mais volume, fez-te apressar os movimentos. Com o corpo apoiado nos joelhos tentaste pôr-te de pé. O que estaria acontecendo, perguntaste-te outra vez. Água lambendo areia por todos os lados, quilômetros de praia era só o que conseguias ver, pouca vegetação rasteira e dunas que te ocultavam a vista de boa parte do litoral. Nenhuma lembrança em tua cabeça, nem ao menos conseguias dizer quem eras. Checaste teu corpo, sentindo a areia fugindo sob os pés, e buscaste terra seca, base onde pudesses te apoiar. O dia estava belo e o sol abria lento o leque que até agora havia escondido seu brilho. Sentias que o calor te atingia e era uma boa sensação. Percebeste teus movimentos e agora sabias que podias correr. Não sentias feridas, sinais de sede e fome também não. Antes que pensasses por onde podias começar, percebeste sons e movimento trazidos pelo ar. Correste em direção a uma das dunas, de onde os estímulos pareciam vir. Aproximaste-te devagar, pois sentias algo estranho, algo que não conseguias definir e não sabias porquê. Tinhas a impressão de que antes bem o saberias, mas antes do quê? Te afogavas tanto nas indagações que te faltou chão. Tentaste respirar fundo e não conseguiste. Chegaste ao topo da duna arrastando-te na areia, quase sem forças ao final. Não querias chamar a atenção dos homens que trabalhavam. Sim, pareciam trabalhar e te deste conta de que bem sabias o que estavam fazendo. Aos poucos voltaram os conceitos, e como o sabias, sem sequer saberes teu próprio nome ou quem eras, era o que te intrigava mais. Titubeaste em pedir ajuda. Decidiste, então, tentar. Os homens, ocupados demais. Cambaleando, aproximaste-te, e agora via deles as costas, e estavam em roda. Continuavas a gritar e seguiam sem dar-te atenção, o centro da roda era tudo. O que estaria acontecendo, perguntaste-te mais uma vez.

Um dos homens se levantou e deixou que, no meio da roda, visses teu rosto salpicado de areia. Estavas ali, e ao mesmo tempo, lá. Sentiste-te traspasar por uma umidade vermelha, antes sem cor e que pensavas ser do mar. De teu peito cravado esguichava o fluxo que amanhecera sob ti. Questões não tinham mais sentido. Era certo: estranhamente, aquele mar imenso, indo e voltando, pareceu ter sido sempre parte inseparável de ti.

Culpa dos Camarões!

Dizem que foi assim: podre de chique, a moça conhecia vários povos e países. Línguas, falava bem mais de seis! Daí que, num evento dito, designada foi pra assessorar um rei, soberano lá de uma terra em que não se fala Português, mas outras línguas irmãs. No dia fatídico, de protocolos e horas sem passar, era ela só cansaço, pura preocupação numa cúpula em que, para o bem ou para o mal, traçam-se destinos mundiais. Era o calo do sapato, a enxaqueca e a saia justa, incomodavam também os discursos pra-boi-dormir. Pra completar, os camarões do coquetel anunciaram um motim: “Ops, agora não!” Olhou para o rei, que também a observava, e sorriu, tentando disfarçar. “Meu Deus, essa gente só fala, quero ver agir!” Saiu um chefe, o outro se preparava: “Ah não, logo o amigo do Chapolim?!” E ela se torcendo na cadeira, a pouca distância do rei. No meio do discurso do Vermelhinho, quando todo mundo já estava de Ó cheio de tanto ouvir repetições, a barriga deu nó cego e ela soube do pior. Sentindo o suor, recorreu a Deus: “Faça com que ele se cale, que chegue logo ao final...” e na crista de um tsunami intestinal soltou um “acabe logo com isso!”, alto o suficiente para o rei ouvir e dirigir a ela, sem entender, o “Por que não te calas” mais famoso que a História já viu. Sem nada mais poder, correu ela para um banheiro, quase não dava tempo de chegar. Enquanto se aliviava, o rei tentava acabar com o mal entendido: a fala fora para ela, não para o amigo do Chapolim. O motivo?! Até então ninguém sonhava: a culpa sempre é dos miúdos, e dessa vez, dos camarões!

Texto também publicado no site BVIWtecendolettras (<http://letrasdobviw.blogspot.com/>) - vencedor da taça bronze na 22a. rodada de desafios com o tema 'Acabe logo com isso!'

A taça prata foi para 'Do amor ao cálculo', de Marília de Dirceu e a ouro para 'Senhora do meu tempo', de Ângela Ramalho.

O Julgamento

Diante do juiz declaram-se não-assassinos, sim vítimas das circunstâncias. Confesso que era difícil acreditar. Eu, sentada ao fundo do tribunal, quieta, calada, óculos escuros, roupa discreta, encolhia-me naquele canto, sob uma capa, e torcia para ninguém me reconhecer. Eu só queria ver, eu tinha que presenciar. Acompanhara por muito tempo a novela e agora era cabal saber que rumo tomaria. Tentei ser imparcial, mas à medida em que iam sendo expostos provas e fatos, menos eu cria na inocência dos réus. Réu: essa palavra é muito dura, já me soa a condenação, se bem que agora de nada adiantam eufemismos. Eles, os acusados, estavam envolvidos em Sua morte, razão mais do que suficiente para eu ter que reconhecer que se chamam, de fato, réus. Morreriam sem reconhecer que a mataram, seu maior clamor: “Inocentes! Somos inocentes! Quem duvida de nós nunca soube o que é ser amigo!” Eu, no último banco, estrategicamente à porta, pronta para fugir a qualquer momento, retorci-me ao ouvir tão cínica declaração. Perguntava-me se deveras a culpa não havia sido minha, só minha, por desapego, distração, egoísmo talvez. De fato, sentia-me ainda ligada àqueles pobres diabos. Queria não tê-los jamais conhecido, condená-los ao limbo do eterno esquecimento. Por fraqueza ou seja lá o que não consigo expressar, desisti de tentar apagá-los do meu passado. Prova cabal disso era minha presença ali, naquele dia. O julgamento seguia; falou o advogado, depois o promotor. No rosto do juiz não se via desenhar nenhum traço, fosse de acolhimento ou desconsideração, e por isso era juiz. Por último, antes do júri retirar-se, falaram os réus. Não lhes foi permitido dizer muito. Aquela era sua chance final. Em resumo, o que disseram:

“Não fomos nós que a matamos; foram as circunstâncias. Muito a queríamos, queríamos preservá-la. Era sempre bom quando estávamos juntos. Depois, com a separação, tudo foi mudando, e cada vez mais rápido. De algum modo não conseguíamos mais nos manter unidos. Quem sabe pela falta de sintonia, pela enorme sobrecarga até... Pode ser que tenhamos errado fragilizando laços, encurtando ligações, o problema é que a vida segue seu rumo, sempre. Ela, pobre coitada, a quem nos acusam termos feito vítima, era quem não conseguia entender a tirania da variação no tempo, e suas conseqüências. Não fomos nós que a matamos, caros jurados. Ela morreu só, de desgosto talvez, uma morte perfeitamente natural.”

Ali no meu canto, encolhida, afoguei-me naquelas palavras, e a dor foi tanta que, num grito mudo, num desespero contido, senti a derradeira lufada de ar inflando-me a capa, e o corpo caindo, suavemente, para um dos lados, no banco frio, naquela última fila de tribunal.

Não me foi dado permanecer depois disso. Outros já me aguardavam. Eu devia — tinha! — que seguí-los. Não sei se os réus foram condenados. Só sei que ainda hoje arde em mim a chama da incerteza. Afinal, o que acabara com Sua força para viver? Fora mesmo morta ou deixara-se tombar? Depois que Ela se foi, até o dia do julgamento, virei sombra, e como Eurídice, no mundo das sombras permaneço, certa de que não virá jamais um Orfeu para de lá me tirar. Encontrei minha tumba etérea, em vão, pois um sol perpétuo de lembranças negras me impede descansar. Um dia, quem sabe, me seja dado voltar e finalmente descobrir o que aconteceu com nossa cara, antes tão viva e enigmática, Amizade.

O Caso da Barriga

Mulher barriguda a ninguém intriga, mas, da noite pro dia, crescer u'a barriga?!

E a filha de Tonha, assim, de repente, surgiu de barriga — surpreendente!
Pelo tamanho da pança, com bem uns cinco contavam e, pelas contas da mãe, umzinho faltava: se dois é pouco e três é melhor, que dirão de quatro?!

E de quatro ficou o povo, besta, ao saber: “Quatro marias, Seu Menino, quatro marias vão nascer!” E fizeram assim assim: “Ajude a filha de Tonha, doe aqui, doe acolá, pois a pobre não tem nada, nem marido para dar!” “E quem foi o responsável por esta geração?” A varinha de condão à sombra de um jatobá, e a cópula, ao pé, debaixo da copa do pau, da árvore, digo. Menino, foi aquela comoção, bem típica da região. Só não creu nisso o Juvenal, filho de Zé do Coco, que estudara na capital e voltara pra terrinha cheio de vontade de ajudar o povo (a se instruir e melhorar). Qual o quê, ignorância é manta de cetim que o povo adora vestir. Quem entende logo isso, e deixa Fufu Lalau, taxado é, rapidinho, de egoísta, ‘traíra’ e tal.

Sabendo bem das coisas, foi Juvenal ao grão: “Vou perguntar ao médico que cuida da região.” “Pois há quatro meses, grávida estava não”, disse o médico sem receio. Menino, veja o resultado do falado embaraço: além de perna curta, barriga inflada e cara de pau -- aberração, que em Fufu Lalau há muito pra bem longe, dizem, teve tudo o que queria: fez transplante de rosto virou normal. “Devolva minha doação”, uns foram reclamar. Devolver, nada devolveram e quem deu não quis brigar. E a filha de Tonha, ainda foragida, nunca mais pôs a cara na rua, que dirá a barriga. Mudou-se, lipoaspirou a barriga. A conta da mentira: sete vezes sete, sem juro e em prestações, pagou com a cara mais limpa e as arrecadações. Mas como em Fufu Lalau o povo é muito bonzinho, mais dia menos dia e ninguém falou mais nisso. Mas o besta do Juvenal, que pra não perder a memória registrou tudo nos livros, ao fazer-me uma visita contou-me este ocorrido. Pois é, Juvenalzinho, como bem já haviam dito: pra extinguir a malandragem, só acabando com os bonzinhos.

Nota: causo inspirado em contos do vigário da vida real, aqui contado com elementos de fantasia, portanto: irreal. Qualquer semelhança com nomes de pessoas ou lugares, pura coincidência.

Também publicado no Recanto das Letras em 25/01/2012 (Código: T3460235)

Bluemaedel - *s.f.* pessoa que busca viver em equilíbrio com a tríade "eu, os outros e o meio", primando por responsabilidade, autenticidade, intensidade, criatividade e prazer no viver diário. Forma no masculino: Bluebub.

Helena Frenzel é uma bluemadel, por definição. Nasceu em São Luís do Maranhão, Brasil. Atualmente vive na Alemanha, com a família. Trabalha com algoritmos e línguas; combina cores e palavras, sempre que dá!

Desde 2007 publica suas "letripulias" no blog Bluemaedel e, desde novembro de 2008, também no site Recanto das Letras.

A foto ao lado, segundo ela, é sua melhor revelação: "pura e simples, como um menino de sete anos me viu! :-)"

Visite: bluemadel.blogspot.com

